X

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒ **RDP** ☒

Nº. de referência: 658

Título: "COMO SE GANHA UM POLDRO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): REGO, ALVES

Adaptador: NEVES, GOTTA

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: 2/1977

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	LAVRADOR
	OFICIAL
	AUGUSTO
	ZÉ MALVADO
	NARRADOR

Estado de conservação: Bom ☐ **Razoável** ☒ **Mau** ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ **Cópia** ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ **Não** ☒

Nº do Registo Sonoro:

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- NÃO EXISTE O REGISTO DOS NOMES DOS AUTORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

" COMO SE GANHA UM POLDRO "

da autoria de Alves Redol

Adaptação de Cotta Neves

§§§§§

PERSONAGENS - INTÉRPRETES

600 LAVRADOR

600 OFICIAL

600 AUGUSTO

1100 ZÉ MALVADO

600 NARRADOR

original

§§§§§

ABERTURA

I) NARRADOR - Aos quinze anos o patrão Augusto era um rapazola desempenado e voluntarioso, que encarava a vida de frente e com uma alegria sem limites. Camaradão para os campinos da casa do pai, fumou com eles o primeiro cigarro, embrenhou-se na sua companhia no trato de animais e ouviu-lhes histórias arripiantes de cheias do Tejo, de parceria com outras apimentadas. Mostrava-se brando, talvez mesmo um pouco temeroso, em afoitezas com éguas ariscas ou em passeios às tapadas onde pastassem toiros de lavradores com gado bravo. As bravatas, que nesse tempo contava como suas no clube da vila, eram todas de campinos, a que juntava um certo sal da sua imaginação.

Sempre de jaqueta curta com alamares e calça justa à perna, nunca abandonava as esporas de prata que o pai lhe oferecera no dia do seu segundo exame.

Pois foi por causa das esporas que o nosso homem se revelou diferente do que o julgavam os campinos.

Na Galé", uma terra que o pai trazia arrendada na Lezíria, pastava nesse tempo uma piara de éguas que era o orgulho do lavrador. Duas delas estavam apoldradas, pelo padreamento de um garanhão da "Senhora Companhia", um belo exemplar de cavalo árabe, isabel [illegible]

de cor, xairelado e calçado acima dos joelhos, com as crinas e os cabos pretos.

Os dois poldros eram a vaidade do patrão Augusto, talvez porque o pai lhe dera a honra de os baptisar, mas a sua preferência ia mais ainda para o "Inspirado", uma estampa maravilhosa de de formas, como só as permitem os cruzamentos de sangue oriental com as éguas de Alter. Filho, pelo lado materno, da "Tafula", ume fêmea ardega que buluia como um vime, o poldro era já pimpão, pela maneira arrogante como olhava os que se lhe aproximavam, deslumbrados pela cor da sua pelagem , pela franqueza do seu porte varonil e pela graciosidade com que corria atrás da mãe. O nosso rapazola já confidenciara ao maioral das éguas que aquele seria, dentro de pouco o seu cavalo de sela.

Naquela manhã o lavrador atravéssara o rio com o filho e um oficial do Exército, que vinha fazer medições de gado para a próxima remonta. Como sempre que falava da mandada, o pai dera-se em pintar as suas éguas como os mais belos animais da espécie. Guiando a aranha, o lavrador olhava o filho com vaidade, indicando ao outro a facilidade com que ele fazia passar a sua montada do trote ao galope, numa correcção de causar inveja a muitos cavaleiros que iam às corridas da Marinha, em Cascais.

(2 LAVRADOR - (com orgulho) Veja-me aquele trote levantado, senhor oficial? E tem só quinze anos, hem!

3) - OFICIAL - (sorrindo) - Sim, senhor! Promete.

4) ---------- (GALOPE DE CAVALOS, EM FUNDO, DURANTE A NARRAÇÃO)

5) - NARRADOR - Vendo-se notado, o rapazote fazia a montada apurar-se em andamentos rápidos e elásticos, com que parecia desafiar o pai para um galope seguido até à "Galé".

Ali chegados, foi o menino Augusto quem fez desfilar a manada perante o hóspede, guardando para a final, como peça de grande efeito, uma corrida disparada da "Tafula" e da sua cria, que deixaram o oficial rendido pela harmonia das linhas e pela ligeireza da carreira.

6 ---------- (FINAL DO GALOPE DE CAVALO E SEPARADOR RÁPIDO)

7 ---------- (INTERIOR . ALMOÇA-SE. RUÍDOS CARACTERÍSTICOS.)

8 - OFICIAL (desenvolto) O cavalo de sela militar deve ter o dorso do cavalo de postilhão, correcta direcção nos aprumos e temperamento rústico. A guerra franco-prussiana foi uma vitória da cavalaria. Um dos mais preciosos ensinamentos que dela se colheram foi exactamente a definição das características de que falei. O cavalo bérbere...

9 - LAVRADOR - (fumando) - Eu prefiro o árabe.

IO OFICIAL - Bom... Talvez seja um animal mais formoso de linhas, isso não desminto. Mas para aguentar frio e fome...

II - LAVRADOR - Tem o meu amigo razão. Frio e fome é com o alfaraz do deserto.

I2 - OFICIAL - E vivacidadé também!

I3 - LAVRADOR - Lá isso, mais devagar! Vivacidade é como quem diz.. O berbere é sempre um animal assendeirado, mornaço e triste...

I4 - OFICIAL - Quando está em repouso. Mas. se o puserem em acção, o animal torna-se outro imediatamente. E então é que é ver energia, vivacidade e desenvoltura... E que cascos conhece o lavrador mais resistentes?

I5 - LAVRADOR - Ora! Cascos resistentes tem-nos o gado mulateiro, e disso não quero eu dentro da minha emposta, nem que me tragam orelhas de oiro.

I6 - OFICIAL - Pois o cavalo de guerra tem de poder andar desferrado, sem se pisar, quando preciso fôr. Na sua manada há uma égua de Alter que não me falha... (rápido) É claro que isto não quer dizer que toda a manada não seja do melhor que eu até hoje vi... mas como aquela égua que o seu rapaz correu em último lugar...

I7 - LAVRADOR - Ah! Essa é uma maravilha! É a "Tafula"! Terá de a comprar com o poldro.

I8 - AUGUSTO - (nervoso) O poldro é meu, pai!

I9 - LAVRADOR (ríspido) A quem pediu autorização para se meter na conversa?

20 - AUGUSTO - Então peço licença para falar. O pai dá licença que fale?

2I - LAVRADOR (um tempo) Pois bem, fale.

22 - AUGUSTO (humilde) Eu só quis lembrar que o poldro me foi prometido quando nasceu... fui eu que o baptisei.

23 - LAVRADOR (áspero) E acha que o merece?

24 - AUGUSTO - Acho que sim...

25 - LAVRADOR - E porquê?

26 - (EM FUNDO, OUVE-SE O CHOCALHAR DA MANADA)

27 - LAVRADOR - Não ouves? (um tempo) Talvez por teres esporas de prata... Será por isso?

28 - AUGUSTO (impetuoso) As minhas esporas de prata servem para qualquer cavalo!

29 - LAVRADOR - Ah! Sim? Pois fica combinado que ganharás o poldro pe pela segunda vez , e agora para sempre, se fores capa de domar a mãe... (gritando para fora) Zé Malvado! Eh! Zé Malvado!... Chega cá!... Depressa!...

30 - ZÉ MALVADO (aproximando-se) Pronto, patrão.

31 - LAVRADOR - Põe uma manta em cima da "Tafula" e tira-a da manada! Dois criados que segurem o poldro! (para o filho) E tu Augusto, que estás à espera? Podes levantar-te! Eu, o senhor Oficial e os criados todos vamos ver para que servem essas esporas de prata...

32 - NARRADOR - Erguendo-se dum salto, o rapaz saíu do aposento sem mais palavra. Da porta da poisada olhou a Lezíria, branda e sem fim, à sua frente. O maioral dava a volta ao gado tentando meter a cabeçada de corda na égua, a que já tinham prendido o filho. Augusto correu para a manada assim que percebeu que o pai se levantava da mesa.

33- OFICIAL - Pode ser um perigo.

34 - LAVRADOR - Não tem importância. Preciso que ele seja brioso.

35 - NARRADOR - Ajudado por outro criado, enquanto o maioral segureva o cabresto da égua, o rapaz saltou para cima da manta, ajeitando-se bem no dorso, apesar de o animal se querer esgueirar debaixo dele. Os criados pareciam assustados com aquela prova, de que não percebiam a intenção, e só o maioral sorria com os olhos, não se sabe ainda hoje por que maldade. Mas Augusto percebeu-o e disse-lhe:

36 - AUGUSTO - (irritado) Lembra-te, Zé Malvado, que te riste de mim.

37 - Zé Malvado (sorna) Eu, menino...?

38 - AUGUSTO - Sim, tu. Larga lá o cabresto... Larga o cabresto, depressa!...

39 - ---------- (CAVALO EM CORRERIA; AFASTANDO-SE OU APROXIMANDO-SE CONSOANTE A NARRAÇÃO)

40 - NARRADOR - Mal se viu livre, a "Tafula" fugiu com o cavaleiro, como se quisesse amedrontá-lo pela vertigem da correria, sem obediência a quâlquer preceito da arte de cavalgar. Era bem uma égua filha do vento, das lendas do passado. E indomável, furiosa com o bridão a queimar-lhe a língua, atirava sacões, baixava a cabeça, procurando atingir com os dentes as pernas do cavaleiro ou tentando fazê-lo sair por cima do garrote irrequieto. Cego de raiva, o rapazola segurava-se à arreata de corda e aos flancos do animal com quanta força possuía nas mãos e nos joelhos. E falava-lhe em voz mansa para a aquietar:

41 - ---------- (UM TEMPO. CORRERIS DO CAVALO E A VOZ DE AUGUSTO MISTURADA COM A NARRAÇÃO)

42 - AUGUSTO (voz branda) Quiá, Tafula! Ói, égua bonita!

43 - NARRADOR - Foi nesse instante que o bicho, numa furtadela rápida dos flancos, mudou o curso da carreira e quase estacou sobre os cascos duros, e logo o rapaz lhe saltou de cima, como se um ciclone o arrancasse do dorso da égua, indo esbandalhar-se na borda duma abarta, sö com o chicotinho enrolado preso na mão. Mas quando a creadagem correu já ele estava de pé, assobiando à égua, apesar de sentir uma das pernas a pesar-lhe.

44 - AUGUSTO (com voz dura, grita:) Tragam-ma aqui! Zé Malvado' Tu és o maioral ou não? Vai agarrá-la depressa! Quero que te rias mais uma vez...

45 - LAVRADOR (aproximando-se com ternura) Ganhaste o poldro, Augusto! Foste um valente!

46 - AUGUSTO (fremente) Não, pai, não ganhei. Para que me deu as esporas de prata? Eu disse que elas serviam para qualquer cavalo... E a "Tafula" desfeiteou-me...

47 - LAVRADOR - Desfeiteia um qualquer, rapaz! Não vês que é ainda uma égua selvagem?

48 - AUGUSTO - Pois sim, mas eu não ganhei...

49 - NARRADOR - E, voltando costas ao pai, foi a manquejar ao encontro da manada. Na semana seguinte voltou à "Galé", decidido a levar a sua por diante. E tantas vezes a "Tafula" o sacudiu, e tantas vezes lhe saltou para o dorso, que a égua acabou por consenti-lo com brandura, deixando que ele lhe afagasse a crineira. E nunca mais se fez arisca.

Embora nunca chegasse a montá-lo, foi assim que Augusto ganhou aquele poldro com as suas esporas de prata.

O "Inspirado" finou-se, aos seis meses, nas hastes de um toiro borralho que alarmou a Lezíria com a sua ferocidade. Esse facto deu-lhe um desgosto e uma filosofia: &Na vida nem sempre merece melhor recompensa o que se ganha com maior esforço".

(SEPARADOR FINAL)

Cotta Neves
Fev. 77